

Jean Lauand

O PROVÉRPIO NA TRADIÇÃO ÁRABE
(com uma antologia de 250 provérbios da tradição árabe)

Edições Cemoroc-Feusp
2024

Copyright © 2024 do autor
Todos os direitos reservados.

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue
University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (UFPB)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean
O provérbio na tradição árabe; São Paulo: Cemoroc, 2024

ISBN 978-65-00-89179-9

1. Paremiologia 2. Filosofia 3. Educação I. Título

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Parte I – Os provérbios e a tradição árabe	05
1. Provérbios: a cara da cultura árabe	05
2. <i>Mathal</i> : a palavra árabe para provérbio	08
Parte II – Provérbios e o modo de pensar árabe	11
Introdução: O sistema língua/pensamento árabe	11
II.1 Característica 1: verbo “ser” e a frase nominal	14
II.2 Característica 2: associação imediata	19
II.3 Característica 3: flexão de raízes	21
II.4 Característica 4: pensamento confundente	22
II.5 Característica 5: metáteses	27
II.6 Característica 6: a imagem concreta	34
II.7 Característica 7: A ligação com o passado	37
Considerações finais	39
Referências	40
Parte III - 250 Provérbios Árabes	41
III.1 – Realismo	41
III.2 – As idiosincrasias	50
III.3 – A condição humana	54
III.4 – Os outros	59
III.5 – Defeitos, vícios e manhas	67
III.6 – Enigmas e superlativos orientais	80
III.7 – Virtudes	81

Parte I – Os provérbios e a tradição árabe

Ma qal al-mathal shay min kadhab
(*Os provérbios nunca mentem...*) – provérbio árabe

1. Provérbios: a cara da cultura árabe

A imensa criatividade da gíria brasileira criou a expressão “é a cara de”. Quando uma realidade expressa muito bem uma outra, resume-a em alguns de seus traços essenciais, diz-se que “é (ou tem) a cara dela”. Zeca Pagodinho é a cara do Rio; no campo das instituições, “cara do Rio” é o futevôlei ou o estratégico feriado municipal de São Jorge, 23 de abril, que, “por acaso”, faz ponte com o nacional de Tiradentes... (já os feriados paulistas, 25 de janeiro e 9 de julho, têm a cara de São Paulo: caem nas férias escolares...).

Os provérbios são “a cara” do pensamento e da pedagogia árabes. Certamente, todas as sociedades e épocas criam, conhecem e cultivam provérbios, mas, no caso do árabe, eles expressam o núcleo mais profundo de sua cultura. É natural que associemos “especialidades” a diversas sociedades, aquilo que é considerado típico de um povo, comunidade, região ou nação. Assim, carnaval é mais brasileiro do que, digamos, inglês ou alemão, e mais carioca ou baiano do que curitibano... São aquelas impressões de consenso, consolidadas pelo tempo e que, por isso mesmo,

são denominadas “proverbiais”: a proverbial pontualidade britânica (nunca tipificaríamos a “pontualidade” baiana), a paciência beneditina (e não franciscana), a alegria baiana (e não suíça), a meticulosidade japonesa, a fidelidade da torcida corintiana etc.

O próprio provérbio é, ele mesmo, uma das especialidades proverbiais árabes (e, claro, também chinesa), junto com a hospitalidade, a imaginação poética e literária etc. Em todo o mundo, quando se fala em provérbio árabe (ou chinês) já se tem um *plus* de credibilidade em relação a provérbios de outras procedências, digamos, uruguaia, suíça, canadense etc. O ditado árabe parece gozar de uma aura de sabedoria, avalizada por uma tradição mais do que milenar, veiculada com concisão, engenhosidade, humor e ironia. Claro que estas últimas qualidades podem ocorrer em ditos de qualquer cultura, mas todos consideram especiais os provérbios árabes e chineses.

Nesses casos, porém, há ainda algo mais e de muito importante. Como mostraremos a seguir, o provérbio árabe guarda uma (surpreendente) relação especial com sua própria língua, constituindo como que a própria forma do pensar e do falar de seu povo. O próprio sistema língua/pensamento árabe é muito próximo à forma dos provérbios, que, também por esta razão, se afirmam como “a cara” da cultura árabe.

Observe-se desde já que em comparação com as línguas ocidentais, uma das características marcantes das línguas (/pensamento) semitas é seu caráter confundente: frequentemente suas palavras acumulam diversos significados (mais ou menos correlatos) de modo muito mais

notório do que as nossas. É o que ocorre com a própria *mathal* (/pl. *amthal*), que significa: provérbio, mas também parábola, comparação, metáfora, exemplo, ditado, adágio, semelhança, analogia, equivalência, símile, apólogo, modelo, imagem, ideal, escultura, escarmento, tipo, lição, representação diplomática, interpretação teatral ou cinematográfica etc.

Assim, *mathal* – palavra fundamental comum às línguas semitas (em hebraico: *mashal/mashalim*) – é empregada indistinta e comumente para diversos gêneros e figuras de linguagem, no centro dos quais estão os nossos provérbios e parábolas.

A coletânea que apresentamos aqui é uma seleção de 250 dos mais de 10000 provérbios conhecidos no mundo árabe. Para essa amostra, vali-me principalmente de duas importantes obras, que são referência clássica para o tema:

FEGHALI, Michel. *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 (3.048 provérbios). E

FREYHA, Anis. *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974 (4.248 provérbios).

Além de serem autores extremamente criteriosos, apresentam edições bilíngues – Feghali (árabe/francês) e Freyha (árabe/inglês). Vali-me também de outras fontes auxiliares.

2. *Mathal*: a palavra árabe para provérbio

Provérbios existem em todas as culturas e também no Ocidente; mas não tão copiosamente e, sobretudo, não com a força psicológica e educativa que exercem no Oriente, que os potencia e lhes dá um importante papel educativo, a tal ponto que podemos falar numa *Pedagogia do mathal*.

Imediatamente decorrentes da própria forma de pensamento, dão-se em estado, por assim dizer, “quimicamente puro” na tradição árabe. Naturalmente, ao longo deste trabalho, enfatizaremos as características da forma de pensamento árabe – em união com os *amthal* – em contraste com a forma ocidental *logos*, mas essa ênfase significa uma tendência¹ e não uma determinação.

Seja como for, o *mathal* (e interessa-nos aqui, sobretudo, o *mathal* como provérbio) é a melhor expressão (como pretendemos demonstrar) da forma de pensamento árabe. Com extrema felicidade, assim o expressou Aida Hanania:

A célebre sentença moderna que afirma a identidade entre meio e mensagem encontra aplicação com total propriedade no caso do Oriente com as máximas de sabedoria. Valem aqui, para as máximas de sabedoria, as mesmas considerações que temos já feito alhures para seus irmãos, os provérbios. O sistema língua/forma de pensamento – para usar o conceito de Lohmann –, com relação ao árabe, encontra, nessas sentenças, sua mais perfeita

¹. E não que o árabe não disponha de provérbios de formato ocidental (e vice-versa).

correspondência. Em vez de longos e articulados discursos, a língua árabe (o pensamento árabe) expressa-se de modo muito mais natural e autêntico por rápidas sentenças de caráter incisivo, que atingem o íntimo do interlocutor por condensarem séculos (ou milênios...) de uma sabedoria mais do que humana. Os *ergo* e os *demonstrandum* do Ocidente dão lugar (...às sentenças dos sábios, e há uma adesão...) à milenar voz da sabedoria que, por eles, fala. É a verdade das coisas que se deixa ver na *trouvaille* do dito (HANANIA, 1994, p. 49).

Tendo essas considerações em conta, não é de estranhar o extraordinário apreço que o árabe tem pelos provérbios e que o provérbio seja também – sob diversos aspectos – ponto importante para uma filosofia da educação moral (para o bem ou para o mal: se, em geral, expressam sabedoria, podem também, por vezes, veicular preconceitos...).

Conhecer provérbios é, no Oriente, conhecer a vida:

Un homme ou une femme qui ne savaient pas plusieurs centaines de proverbes et qui n'étaient pas capables de les débiter séance tenante, étaient alors regardés comme ignorants. On m'affirme² que cet usage est encore vivant dans bien des villages libanais et dans d'autres pays de langue arabe³.

². Feghali estava, então, radicado na França (nota nossa).

³. FEGHALI, Michel *Proverbes et Dictons...*, p. XI.

A partir do conceito lohmanniano de Sistema Língua/Pensamento (SLP) e da análise das relações entre estruturas de língua e formas de pensamento, configurar-se-ão algumas importantes características do sistema árabe (e semítico em geral) que, por assim dizer, se traduzem em forma de provérbio e nos permitem compreender o papel do *mathal* na tradição do mundo árabe.

Parte II – Provérbios e o modo de pensar árabe

Introdução: O sistema língua/pensamento árabe

O filósofo alemão Johannes Lohmann usa a expressão “sistema língua / pensamento” (LOHMANN 2013) para indicar a interação dialética entre os dois polos da fórmula. Evita-se, assim, a concepção ingênua que imagina que o pensamento é auto-suficiente: pensa-se algo e competiria à linguagem simplesmente expressar o que foi pensado e isto – nessa visão ingênua – poderia ser feito de modo equivalente em qualquer língua. O que Lohmann faz notar é que a língua condiciona o pensamento e está em interação com ele.

Lohmann, mais preocupado com a filosofia *strictu senso*, não fala explicitamente em provérbios, mas, a partir de seus sugestivos conceitos, poderemos mostrar como os *amthal* são a mais acabada expressão da “forma de pensamento” árabe.

Uma primeira observação sobre as relações entre língua e forma de pensamento é a de que “o que nos interessa não são as línguas em si, mas as línguas enquanto pré-determinam uma certa concepção de mundo para o falante, ou como diz Heidegger, *eine Erschlossenheit des Daseins*” (LOHMANN 2013, p. 38)⁴.

⁴. Mesmo reconhecendo uma certa radicalização na posição de Lohmann, não resta dúvida de que há – senão uma determinação – pelo menos um forte condicionamento do pensamento pelas estruturas da língua. Talvez

Em outras palavras, o alcance do pensamento condiciona-se pela linguagem. Não só pelo maior ou menor número e profundidade de conceitos e potencial expressivo dos vocábulos, mas também (e principalmente) pelas estruturas peculiares de cada língua ou famílias de línguas.

Podemos pensar, por exemplo, no caso de um falante “nascido” – para evocar a sentença de Pessoa: a língua portuguesa como pátria – em uma língua como o chinês, que desconhece o verbo “ser” (ou o árabe, que não o tem como verbo de ligação) e os desdobramentos de tempos, modos, vozes etc. – e com nossas 67 formas desse verbo (tão central na constituição cultural dos sujeitos em línguas como a nossa), tão irregulares e diferentes como: sou, és, fui, foste, seremos, etc. Para não falar do desdobramento ser / estar.

Certamente, a percepção, a elaboração da visão de mundo é afetada por esse fato: “nascer” na língua portuguesa, chinesa, grega, árabe etc.

O sistema língua-pensamento (SLP) grego, que Lohmann designa por *logos*...

... apresenta uma identificação ou isomorfia na articulação do discurso e seu objeto. Esta concepção - a consciência de uma isomorfia na formulação de uma relação com a coisa conhecida – foi a base da invenção do método matemático pelos gregos – método cujo princípio fundamental é justamente uma

fosse melhor falar em interação dialética, na medida em que também o pensamento influencia a formação da língua.

identidade absoluta entre a fórmula e a coisa formulada (LOHMANN 2013, p. 49).

Já o sistema árabe, *ma'na*, instala-se em outra perspectiva, bem diferente:

O árabe, como o semítico em geral, de um lado, e o grego, de outro, estabelecem relações com o mundo: um, principalmente pelo ouvido e o outro, pelo olho. Tal fato levou o falante semítico a uma preponderância da religião, enquanto o grego tornou-se o inventor da teoria. Daí decorre (ou procede...?) uma diferença análoga das respectivas línguas, quanto a seu tipo de expressão. Cada um desses dois tipos caracteriza-se por um procedimento gramatical específico: flexão de raízes no semítico, flexão de temas no indo-europeu antigo e flexão de palavras no europeu moderno. Tanto na flexão de temas (por exemplo, em grego, *anthropo- s, n, i, us* etc.) quanto na flexão de palavras do europeu moderno, o falante atribui – nas formações gramaticais de sua língua – noções determinadas (expressas por temas ou palavras) a objetos determinados. Na flexão de raízes semíticas, o falante serve-se de uma certa articulação fônica (chamada em árabe *lafz*), isto é, de uma combinação sistemática de grupos de consoantes (chamadas raízes; por exemplo, k-t-b, que significa escrever) com uma vocalização determinada (por exemplo *kátib* “escriba”, *kitáb* “livro”) para exprimir o sentido desejado (chamado em árabe *ma'na*; o que se traduziu em latim medieval por *intentio*). (LOHMANN 2013, p. 49)

Essa oposição ouvido / olho foi estudada por Hanania (2015): a valorização da palavra e não da imagem figurativa.

As razões de valorização da palavra já se encontram na mais longínqua Arábia pré-islâmica, no âmago do deserto que é o mentor do encontro do homem consigo mesmo, sem outra mediação, a não ser a do silêncio que eloquentemente o povoa. Nesse mundo de ausência, de vital impacto com seu ser mais íntimo, a gente do deserto previne-se contra tudo o que, de certa maneira, se liga ao mundo do visível, preferindo a visão interior à representação clara e manifesta. (HANANIA 2015, p. 59)

Mas para além de outros fatores, o que nos importa aqui é o fato de que muitas características da língua (como a oposição “gramatical” apontada por Lohmann) não são “inocentes”: estão, sim, comprometidas, em cada caso, com aspectos importantes da *Weltanschauung* da comunidade falante, como procuraremos apontar para o caso do árabe.

II.1 Característica 1: verbo “ser” e a frase nominal

No quadro do SLP analisaremos sete características da língua árabe.

Um primeiro fato gramatical(/mental) que fundamenta o conceito lohmanniano de SLP dá-se em torno dos peculiares usos do verbo “ser”. Ao contrário do árabe, no centro semântico do sistema grego “encontra-se o verbo *esti* (ser) que, segundo Aristóteles, está implicitamente contido em qualquer outro verbo” (LOHMANN 2013, p. 48). O ocidental, desde o início da aprendizagem formal da língua, está acostumado a pensar que toda frase é composta de nome e verbo. Quando, porém, entra em contato com a gramática árabe, surpreende-se com a presença constante da frase nominal, isto é, com o que, do ponto de vista ocidental, se considera frase nominal.

Para o árabe simplesmente não existe o verbo “ser” como verbo de ligação, e ele está muito mais familiarizado com a frase nominal do que o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o mesmo verbo “ser”. Essa função copulativa do verbo “ser” é uma particularidade das línguas indo-europeias a que já estamos tão habituados que não reparamos quanto é dispensável nem temos consciência de que possa inexistir em outras famílias linguísticas.

Nós mesmos podemos prescindir do verbo “ser” em certos contextos, como o dos slogans de publicidade (“SBT, a TV mais feliz do Brasil”); ou das antigas mensagens telegráficas (“Estoque hoje 500 unidades”, “Melhores votos novo casal”) ou manchetes de jornal, como “Flamengo perto do líder” ou aquela, clássica, que informava da presença do campeão Piquet em Brasília: “Ás da F1 já no DF”. E, particularmente, em enunciados proverbiais, como:

Tal pai, tal filho
Casa de ferreiro, espeto de pau

Cada macaco no seu galho
Longe dos olhos, longe do coração
Cavalo comedor, cabresto curto
Cada louco com sua mania
Pão, pão, queijo, queijo

E não por acaso é precisamente no campo dos provérbios que o ocidental aproxima-se da estrutura linguística (e da forma de pensamento...!) árabe. A tradição ocidental herdou a consideração de que o verbo “ser” – que o português e o espanhol etc. desdobram em “ser” e “estar” – encontra-se presente (ou pelo menos implícito) em toda sentença e subjaz a toda ação verbal. Por exemplo: “Chove” corresponde a “é/está chovendo”.

Assim, a formulação rigorosamente completa ocidental seria: “Tal (como é) o pai, tal (também será) o filho; (Em) casa de ferreiro o espeto (costuma ser) de pau; (É conveniente para a ordem da selva que) cada (macaco) esteja (em) seu galho; Quem (estiver) longe dos olhos...; (Se) o cavalo (for) comedor...; Cada louco (sempre está)... Pão (é) pão (e não deveser confundido com outra coisa como o) queijo (que não é pão, mas sim) queijo.

Quando emprega a frase nominal, o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, ao passo que o árabe, ao fazê-lo, está simplesmente se exprimindo de modo espontâneo, de acordo com sua postura diante da vida, com seu espírito essencialmente poético. Daí a particular afinidade da língua árabe com a estrutura dos provérbios, como se pode ver nos seguintes *amthal*:

Cão do grande, grande; cão do príncipe, príncipe
(*Kalb al-kabyr kabyr wa kalb al-amyr amyr*)

O sentido é claro: O cão que pertence ao homem grande deve – em atenção a este – ser tratado com a mesma deferência devida a seu dono e, do mesmo modo, o cão do príncipe é, por extensão, príncipe também.

Opressão do gato e não justiça do rato

Ou seja, é preferível, é mais suportável (se não houvesse outra possibilidade de escolha) a opressão exercida pelo gato no poder do que a justiça do rato. O sentido é claro: o mais decisivo é a retidão moral do poderoso...

Para o sistema grego, *logos*, a pretensão de correspondência entre a realidade em si mesma e o pensamento, é possível precisamente pelo papel exercido pelo verbo ser: presente, tanto na realidade, como (ao menos, implicitamente) em qualquer juízo. E assim, o pensamento pretende homo-*logar* o real.

Encontramos uma projeção desse sistema, não só na filosofia grega, em que um Parmênides chega a afirmar: *Tò gàr auto noein estin te kai einai* (“Na verdade, pensar e ser é, ao mesmo tempo, a mesma coisa”), mas, também na Geometria, ciência grega por excelência. A geometria grega⁵

⁵. Já a geometria contemporânea, ligada à moderna concepção de sistemas axiomáticos, aproximar-se-ia de uma outra forma de pensamento (derivada do sistema *logos*, mas já independente) – também discutida por Lohmann no artigo citado –, paradigmaticamente pelo inglês falado nos dias de hoje.

é o modelo acabado do sistema grego, que Lohmann considera uma “língua de visão”, em correspondência, tanto quanto possível, bijetora com o real.

Esse “tanto quanto possível” impõe seus limites: por exemplo, na matemática grega, não encontraremos o zero (o número zero não tem correspondente com o real) e é conhecido o escândalo histórico produzido pela descoberta da incomensurabilidade de grandezas (o número irracional, para eles *a-logos!*, entra em contradição com o próprio sistema de pensamento grego). E, de um modo positivo, Euclides afirma: *o um é a realidade!*

Já o árabe é diferente. Seu sistema língua/pensamento não é *logos*, mas *ma'na*: prevalece não a pretensão de a linguagem acompanhar *pari passu* o ente, mas o sentido mental (*intentio, ma'na*), independentemente da correspondência-*logos* com o real. Daí que a ciência árabe, por excelência, seja a álgebra, que admite sem dificuldades o zero e números negativos). E o número irracional, na incomensurabilidade geométrica é aceito com total naturalidade pelo árabe⁶. Se a geometria é a cara do grego; a álgebra é a do árabe.

⁶. Um documentado estudo (com textos bilíngues árabe/inglês) sobre o espírito da matemática árabe em confronto com a matemática grega (e, particularmente, sobre a recepção árabe do conceito matemático grego de *logos*) é a tese de PLOOIJ, E. B. *Al-Djajjâni - Commentary on Ratio in Euclid's conception of Ratio as criticized by arabian commentators*, Rotterdam, Uitgeuerij W.J. van Hengel, 1950. Veja-se também o capítulo “Umar Al-Khayyam” de BERGGREN, J. L. *Episodes in the Mathematics of Medieval Islam*, New York, Springer, 1986.

II.2 Característica 2: associação imediata

Se o SLP *logos*, centrado no verbo “ser”, promove a busca de correspondência exata entre pensamento e realidade, o sistema árabe, *ma’na*, tende a um pensamento (e a uma comunicação...) por associação imediata, em que as conexões lógicas não precisam ser explicitadas. Obviamente, os diversos fatos linguísticos (linguístico-mentais) que estou enumerando um tanto compartimentadamente são, na realidade, interligados. A associação imediata é o complemento natural da ausência do verbo “ser” enquanto verbo de ligação, o que se pode evidenciar – entre tantas outras instâncias – em diversos enunciados de provérbios como, por exemplo:

O vizinho antes da moradia
(*Al-jar qabla ad-dar*)

É mais importante pensar no vizinho que se vai ter do que na casa em que se vai morar.

O companheiro antes da viagem
(*Ar-rafiq qabla at-taryq*)

Mais importante do que a viagem que se vai fazer é ter um bom companheiro de viagem.

Curiosamente, o melhor exemplo ocidental desse aspecto da forma de pensamento árabe, marcada pela

ausência do verbo “ser”, é encontrado na poesia que mais insistentemente dele faz uso: *Águas de Março*, de Tom Jobim.

Grande e grandiosa, inquietante, *Águas de Março* soa a nossos ouvidos, sempre de novo, conforme sua letra, como “um mistério profundo”. Parte desse mistério reside, talvez, no fato de a poesia de *Águas de Março* nos arrancar de nossos padrões usuais de pensamento ocidental e nos conduzir às formas de pensamento do Oriente, por excelência “lugar” do mistério.

Águas de Março, tal como na linguagem-pensamento árabe, nos dá – em vez dos complicados discursos lógico-gramaticalmente articulados pela mente ocidental – um rápido e cortante suceder de flashes em frases nominais provenientes de uma imaginação fulgurante, com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite típico-caricatural, descrita por um ocidental nos seguintes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o e disparei a atiradeira, a fim de atingi-lo; de fato, atingi-o e, por conseguinte, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em *Águas de Março*: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em

ocidental: “O carro enguiçou, devido à avaria provocada por excesso de lama”, excesso antes expresso semiticamente pela repetição: “lama, lama”) etc.

Naturalmente, a presença constante do verbo “ser” na letra de *Águas de Março* não invalida a semelhança com o caráter oriental do pensamento (onde se empregam frases nominais e não o “é”), pois se trata da forma fraca, descartável, desse verbo.

Aliás, a orientalização⁷ chega ao extremo quando, no final da canção, interpretada por Tom e Elis Regina, o verbo ser é suprimido e se diz simplesmente:

Pau, pedra, fim caminho
Resto, toco, pouco sozinho
Caco, vidro, vida, sol
Noite, morte, laço, anzol

II.3 Característica 3: flexão de raízes

Um outro importante aspecto do SLP é o já apontado por Lohmann: “flexão de raízes no semítico e flexão de temas no indo-europeu antigo”.

Este fato é de extraordinário relevo para a compreensão da visão de mundo oriental com sua

⁷. Orientalização que se realiza também pela evocação de semitismos, como nos versos “É a chuva chovendo...”, “É o vento ventando...”

“indeterminação” e flexibilidade semânticas, que se manifestam primeiramente em fenômenos de sintaxe. Lohmann chama a atenção para a dimensão semântica de a flexão (de desinência) grega/latina deixar inalterada a raiz da palavra (correspondente à *ousía*, à *substantia*). No exemplo tradicional das gramáticas elementares de latim, o radical *ros*, de rosa, permanece fixo, pois uma rosa é uma rosa; qualquer outro fator (seu relacionamento com o mundo exterior, com o pensamento humano ou com qualidades que *são* nela), da cor da rosa (genitivo) ao mosquito nela pousado (ablativo), é refletido pelas desinências *rosam*, *rosarum*, *rosae* etc.

O ocidental tende a ater-se, assim, a um mundo de substâncias, a ser homo-*logado* pelo pensamento. O árabe, por sua vez, não tem radicais fixos: o radical trilítere, digamos *S-L-M*, é *intra-flexionado*: *SaLaM*; *iSLaM*; *SaLyM*; *muSLiM* etc.

No caso da língua árabe, como se sabe, o que conta é o radical tri-consonantal, que é o núcleo semântico das palavras (as vogais, que frequentemente nem são grafadas, fazem a determinação periférica do sentido). Se aplicássemos essa leitura “árabe” a nossas palavras, “obsoleto” seria aparentado com “basalto”; “Datena” imediatamente associado a “detona” e “Dilma” a dilema.

II.4 Característica 4: pensamento confundente

Como dissemos, há uma maior tendência nos Orientes ao pensamento confundente (nem é necessário dizer que nada

há de pejorativo nessa formulação). Essa presença do confundente no SLP árabe é uma rica dimensão da língua (que, do ponto de vista ocidental, pode parecer difusa...). Como se sabe, nas línguas semíticas (como o árabe ou o hebraico), a mesma palavra ou, mais amplamente, o mesmo radical tri-consonantal (a alma da palavra semita), *confunde* em si (de um ponto de vista ocidental) diversos significados, oferecendo-nos a oportunidade de apreensão de relações de significado até então insuspeitadas.

Pense-se (é um primeiro exemplo) no fato de que o árabe – pela “confusão” de sentidos no radical *S-D-Q* – é convidado (ou mesmo compelido) a pensar como indissociáveis conceitos tão distintos (para o ocidental) como amizade e confiança.

É o caso também do radical *S-L-M* da palavra *salam* (ou, em hebraico, *Sh-L-M* de *shalom*), que o ocidental costuma traduzir por “paz”. Em torno desta raiz, *S-L-M*, confundem-se na linguagem – e no pensamento... –, entre muitos outros, os significados de: integridade⁸ no sentido físico⁹ e moral (*salym* é o íntegro); saúde (e fórmula universal de saudação), normalidade (o plural *sálim* na gramática é o plural regular); salvação (“sair-se são e salvo”, mas também salvação no sentido religioso); submissão, aceitação (de boa

⁸. Nesse sentido primário de *Salam/Shalom*, como união, integração, remoção de barreiras, entende-se melhor a sentença – um dos tantos semitismos no grego neo-testamentário - do apóstolo Paulo: “Cristo, nossa *paz*, que de dois fez um, derrubando o muro que os separava” (Ef 2, 14). Se para um ocidental, esta sentença é enigmática, para um semita ela é clara: nossa *paz* é o mesmo que “nosso integrador”.

⁹. Assim se compreende que *sullum* seja a escada, a que faz a união.

ou má vontade), daí *islam* e *muslim* (muçulmano); acolhimento; conclusão de um assunto; paz etc.



Salam – caligrafia de H. Massoudy

Exemplifiquemos também com um contexto familiar, o da Bíblia. Nela encontramos o radical S-L-M “confundindo” diversos conceitos, para o pensamento ocidental totalmente distintos. Assim, de Salomão (*SaLuMun*, *SuLaiMan*), Deus diz a seu pai Davi (este, sim, um homem de guerras): “Este teu filho será um homem de paz, pois Salomão é o seu nome” (I Crn 22,9). E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a *integridade*, a *união* do reino de SaLuMun e diz: “Todavia, não tirarei da mão dele, parte alguma do reino...” (I Reis 11, 34). S-L-M, concluir, acabar. No livro de Esdras, encontramos Sesabassar encarregado da construção do templo “que ainda não está *concluído*” (Esd 5, 16). S-L-M, entregar completamente, colocar ao inteiro dispor: “Deposita diante de Deus, em Jerusalém, os utensílios que te foram *entregues*, para o serviço do templo do teu Deus” (Esd 7, 19). Etc. etc.

Mas são os provérbios (que trazem em sua breve formulação uma unidade completa de sentido que não requer nenhum outro contexto textual), que melhor permitem percorrer – rapidamente e com plenitude de sentido – a gama

semântica de uma raiz árabe. Adquirem, assim, extraordinária importância para a aprendizagem da língua e compreensão da mentalidade. Para o caso do exemplo que estamos analisando, os diversos significados *confundidos* na raiz S-L-M (em itálico, nos provérbios), destacamos os seguintes *amthal* (extraídos dos já citados Feghali e Freiha):

A vasilha não pode ir sempre ao fundo do poço e sair sempre *inteira* [Feghali # 1184].

Ó Senhor, concede-nos sempre o convívio dos poderosos, mas mantém-nos *incólumes*... [Feghali # 1758].

Se a vinha estivesse *protegida* de seus próprios guardas, produziria toneladas [Feghali # 2124].

Sem defeito, garantido pelo ferreiro! [Feghali # 1776].
(Esta frase feita faz referência ao costume oriental de consultar o ferreiro antes de comprar um cavalo).

O que começa por definição de condições, acaba em *paz*
[Feghali # 2500].

(Em um negócio, num acordo, num jogo, não fixar claramente as cláusulas é expor-se a rixas e desavenças).

Aquele que se glorifica a si mesmo te enviou *saudações*
[Feghali # 326].

(Frase feita para referir-se a uma pessoa vaidosa).

Mil batidas na porta antes do *salam* (antes de atender e cumprimentar) [Feghali # 1531].

(Diz-se do avaro que tem medo do dever de oferecer hospitalidade).

Desde o bater à porta até à *despedida* [Feghali # 1572].
(Frase feita significando: “absolutamente tudo”, “de fio a pavio”).

Nem sequer um *Oi!* [Freiha # 1913].

(Reclamando da falta de educação de alguém que sequer cumprimentou: Salam, sem mais, é o cumprimento mínimo!).

A *segurança* de um homem está em conter sua língua
[Freiha # 1914].

Quem te *confia* seu dinheiro, *confia-te* sua própria pessoa
[Feghali # 2519].

O vento, ele deixa por conta da tempestade e dorme
tranquilo [Feghali # 2363].

(Diz-se de alguém que não sabe guardar segredo e espalha-o).

Aperte-lhe a mão, mas confira os dedos depois [Feghali # 19].
(Prevenindo contra uma pessoa desonesta).

Tendo saúde, está tudo bem! [Freiha # 1915].

Escapou do urso para cair no fosso [Freiha # 1920].

E pode-se dar o caso de provérbios, que combinem diversos sentidos confundidos na mesma raiz:

Abandona-te em Deus e encontrarás a salvação [Freiha #
1917].

Como já dissemos, as características de uma forma de pensamento (oriental/ocidental) indicam não exclusivismos, mas ênfases, afinidades e tendências mais tipicamente acentuadas em cada caso.

II.5 Característica 5: metáteses

O ocidental já fica surpreso com a “imprecisão” e a extrema amplitude do campo semântico em torno dos radicais tri-consonantais árabes que, é evidente, para o próprio falante árabe são normais. A questão complica-se ao infinito, para o ocidental, quando ele descobre que ainda há mais: não só o radical trilítere é difuso, mas não é incomum que, por metátese, se lhe associem (ainda mais difusamente) outros campos semânticos.

A metátese é a transposição de fonemas dentro de uma palavra, frequentemente com relação de sentido entre as formas metatéticas.

Em nossa língua, se tomamos, por exemplo, a palavra “porta”, podemos encontrar metáteses como: trapo, raptó, parto ou tropa. Mas não há nenhuma relação de sentido entre elas e se houver (como alguém poderia alegar entre “parto” e “porta”) costuma ser meramente casual. Exceto em alguns poucos casos que remetem à mesma etimologia, como terno / tenro ou a engasgos e tropeços de pronúncia como estrupar / estuprar, depredar / depedrar.

Podem surpreender pela conexão de sentido (mas são casuais...) metáteses como: desnorteia/ desorienta; podre / poder ou senador/desonra.

E considerando, por exemplo, em “carta” somente as consoantes, c-r-t, já teríamos, como vimos, no mesmo campo de significados: carta, careta, certo, corta, curto, acerto, Creta, Crato etc. E ampliar-se-ia muito com as metáteses: troca, treco, torce, recato, cátaru etc. Mas essas metáteses continuariam independentes e quando houvesse alguma relação de sentido (como, digamos jocosamente, em pastel / paulista) seria casual.

O que não impede que se busquem surpreendentes tiradas como:

C l i n t E a s t w o o d

O l d W e s t A c t i o n

E versos jogando com tálamo / túmulo ou filas, vilas, favelas etc. Ou a campanha de certos setores cristãos contra a publicidade para o dia dos namorados (de casais homossexuais) de 2015: “Boicotar o Boticário”.

Já na língua árabe, as metáteses são tão frequentes e dotadas de sentido que é tão difícil afirmar casualidade quanto decifrar o intrigante mistério desse fato de linguagem.

Alguns exemplos: B-r-k é o radical de abençoar. K-b-r é ser grande (a benção é engrandecimento: das colheitas, da família, do sucesso etc. a tal ponto que q-l-l é “ser pouco” e, no hebraico bíblico, também “amaldiçoar”). Na tradição semita, a benção é ligada sobretudo à primogenitura: b-k-r!

Se viajar é s-f-r; f-r-s é o cavalo. X-r-b é beber; b-x-r é alegrar-se, boas novas. Etc. etc. etc.

Esses exemplos foram escolhidos de propósito procurando associar a palavras familiares ao leitor: b-r-k como no nome do ex-presidente dos EUA: abençoado, Bento. K-b-r (como no Alcácer kibir, o grande Alcácer); s-f-r, como em safari; f-r-s, como no al-feres Tiradentes. X-r-b (xarope – o b supre em português a letra p, inexistente em árabe); b-x-r (alvíssaras: *al-besharah*).

Por vezes, os provérbios jogam com metáteses, como é o caso de:

‘alim bila ‘amil mithl al-gaym bila maṭar [Feghali # 2695].
“Sábio que não age (que não ‘produz’, que não ensina) é como nuvem sem chuva”.

A mesma metátese aparece no Alcorão (11,46): Allah adverte contra o ato – *‘ml* - incorreto: não se deve pedir algo de que não se tem conhecimento – *‘lm*.

Um caso importante de metáteses dá-se com a própria palavra *mathal*. Como vimos, os *Amthal* (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo, por exemplo, não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o

evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

E quando o grande poeta Omar Khayyam, em suas *Rubayat*, transbordantes de pensamento metafórico, resolve falar de “modo direto” sobre a condição humana e chega a advertir que não vai se valer de *amthal*..., imediatamente tem uma recaída:

Para falar claramente e sem metáforas (!?)
Somos as peças do xadrez jogado pelo Céu
Que brinca conosco no tabuleiro do ser
E depois... voltamos, um por um, à bolsa do
Nada.

Para efeitos deste tópico, retenhamos de *mathal* o significado central de metáfora. Os dois exemplos acima já insinuam duas paradoxais funções da metáfora: velar e revelar; esconder e mostrar: em Khayyam, ocultar; em Cristo, mostrar.

Mas, mesmo revelando, as parábolas de Cristo servem para ocultar e Ele mesmo diz: “Por isto, Eu falo em parábolas: porque eles, olhando, não vêem, e ouvindo, não

compreendem!”, cumprindo assim a profecia de Isaías: ‘Ouvireis e não compreendereis’” (Mt 13, 13).

Incrivelmente, essa paradoxal dualidade da metáfora expressa-se em duas metáteses de *M-th-l*: Th-L-M, “fazer uma abertura”, brecha que permite ver e L-Th-M, “velar, encobrir”. Como o turbante (*al-muLaThaM*) que encobre o rosto dos militantes.

Evidentemente, no ensino e em toda comunicação valemo-nos constantemente de metáforas (e comparações etc.): elas permitem a compreensão rápida e vigorosa de uma situação abstrata: a dificuldade, digamos, de uma empresa em crise é trazida para o concreto pela metáfora da sinuca ou da sinuca de bico. É o lado revelador da metáfora, que, como dissemos, também pode esconder.

Essa dialética esconde-revela torna-se particularmente importante – no Alcorão, na Bíblia e na mentalidade medieval – quando referida a nosso discurso sobre Deus: nossa linguagem humana, formada no sensível, derrapa e é incapaz de falar com propriedade sobre o divino. Daí a necessidade de metáforas.

Quando Tomás de Aquino discute a conveniência de que Deus se revele por metáforas e comparações na Sagrada Escritura (I, 1, 9), após lembrar que o ensino por comparações sensíveis é o mais adequado à natureza do homem (espírito intrinsecamente unido à matéria), enfrenta a objeção de que ocultam a verdade. E responde: “O raio da divina revelação não se extingue por ser comparado ao sensível em que se envolve, mas permanece em sua verdade: cabendo às mentes que são destinatárias da revelação

ascender a seu sentido superior...” E diz que, mesmo para aqueles a quem as parábolas permaneciam veladas – porque não eram dignos ou capazes de apreendê-las em seu sentido profundo –, “melhor lhes era receber esses ensinamentos velados, do que ficar totalmente privados deles” (III, 42, 3).

Também no Alcorão é muito claro o duplo caráter das metáforas: revelar / esconder.

Allah vale-se de metáforas para esclarecer os fiéis, por exemplo em 30, 028: “Allah propõe metaforicamente: E assim explicamos detalhadamente os sinais aos que raciocinam”; mas também para obscurecer e confundir os que insistem em ficar fora do caminho! Como, por exemplo em 74, 031: “Para que os infiéis digam: ‘Que é o que Allah pretende ao propor metaforicamente?’”. E em 2, 26 encontramos: “Allah não se envergonha de falar metaforicamente, mesmo que se trate de um mosquito. Os que crêem sabem que é a verdade que vem de seu Senhor. Já os que não crêem, dizem: ‘Que é o que Allah está propondo metaforicamente?’. Assim, Ele extravia a muitos e também encaminha a muitos. Mas não extravia senão aos perversos.”

Para o Alcorão, para a Bíblia e para a mentalidade religiosa antiga e medieval as coisas do mundo são metáforas, sinais de Deus: as coisas não são só o que são; são, antes de tudo pistas para a compreensão da fala de Deus: como enigmas a serem decifrados. O mundo é visto como alegoria. Explicando o que é alegoria, diz Agostinho:

Chama-se alegoria a palavra que soa de um modo, mas acaba significando outra coisa

diferente. Por exemplo, Cristo é chamado cordeiro (Jo 1,29); acaso é Ele animal? Cristo é chamado leão (Apo 5,5); acaso é Ele fera? É chamado pedra (I Cor 10,4); acaso é Ele dureza? É chamado monte (Dan 2,35); acaso é Ele elevação de terra? E, assim, há muitas palavras que soam de um modo, mas são entendidas de outro e a isto se chama alegoria (En. 103, 13).

Nesse quadro, criadas por Deus, pela Inteligência do Logos, as coisas do mundo trazem uma mensagem cifrada sobre Deus e as verdades eternas, como se diz nos famosos versos - *PL 210:579* - atribuídos a Alain de Lille:

Omnis mundi creatura (toda criatura no mundo)
Quasi liber et pictura (Como livro e pintura)
Nobis est speculum. (É um espelho para nós)
Nostrae vitae, nostrae mortis (De nossa vida e morte)
Nostrae status, nostrae sortis (De nosso estado e destino)
Fidele signaculum (Um sinal confiável)

Compreendemos assim uma das razões para o imenso cultivo de enigmas e adivinhas na Idade Média: são como que um modelo da fé e do conhecimento da verdade religiosa (cf. <http://www.hottopos.com/notand18/enigmas.pdf>).

Referindo-se às verdades de Deus, São Paulo as equipara a enigmas. O Apóstolo diz na I Epístola aos

Coríntios (13, 12) que atualmente vemos confusamente como em um *enigma*, mas que um dia, as veremos com clareza: tal como acontece, quando se resolve uma adivinha.

Assim, metáforas (& cia.) brincam de esconde-esconde (ou esconde-revela) com nossa compreensão do mundo, do homem e de Deus.

E o próprio Jesus, como Verbo Encarnado, é Ele mesmo, um *mathal*: muitos não viam nEle senão um mero homem, o "filho do carpinteiro".

II.6 Característica 6: a imagem concreta

Paul Auvray (1959, pp. 36 e ss.), em seu estudo sobre as línguas semíticas, analisa mais uma característica importante para entendermos os provérbios árabes: um acentuado voltar-se para o concreto.

Naturalmente, trata-se de uma questão de *ênfase*, pois – insisto – este voltar-se para o concreto não é apanágio árabe ou semita. É fenômeno humano, *em alguma medida* presente em todas as línguas.

Auvray associa algumas peculiaridades da língua à conhecida observação de que “os antigos semitas não eram muito dados ao pensamento abstrato”. Após lembrar que “são raras em hebraico as palavras verdadeiramente abstratas”, dá alguns exemplos da língua bíblica que são também perfeitamente válidos para o árabe:

O vocábulo *derek*¹⁰ mereceria um longo estudo. Sua primeira acepção é “via”, “caminho”, mas veio a significar também “atividade”, “maneira de agir” ou “maneira de pensar” (cfr. Êx 18,29 e ss.; 23,17 ss.). A imagem encontra-se com frequência nos Salmos e no Novo Testamento, em que o grego *ódos* adquire o mesmo significado. Mas, em numerosas passagens dos escritos mais antigos, tem-se a impressão de que a imagem concebia-se como tal [...]. Outro tanto poderia indicar-se a respeito da palavra *rúah*¹¹, que se traduz com frequência, e muito precisamente, por “espírito”. Não obstante, sua acepção prístina é a de “sopro”, “vento”. Em muitos textos o autor parece evocar os dois significados, o que complica o trabalho do tradutor: Deus insufla no homem “um sopro de vida” ou “um espírito de vida” (Gên 2,7). (AUVRAY, 1959, pp. 36 e ss.)

Um sugestivo exemplo é o *mathal*, em cuja tradução procurei conservar o sabor original árabe de frase nominal:

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

Na indefectível e infinita imersão no concreto imaginativo do pensamento oriental, o comportamento é, antes de mais nada, associado ao aroma . O árabe, ainda hoje, diante do filho que lembra os pais, diz: “*Min riḥat umuhu*” - ou “*abuhu*” -, do aroma de sua mãe (ou pai) e, há dois mil anos, o apóstolo Paulo (cfr. 2 Cor 2,15) escrevia que os

¹⁰. Em árabe, *taríq*.

¹¹. Em árabe, *ruh*.

cristãos devem ser “*bonus Christi odor*”. O provérbio refere-se, de modo concreto, ao papel da família em relação ao comportamento dos filhos, enquanto o ocidental fala em abstrato: “herança de berço”, “má-criação”, “má-educação” etc.

Este gosto pelo concreto potenciará os provérbios árabes, pois a imagem (evocada pelo *mathal*), mais próxima da realidade imediata, sempre tem mais força persuasiva do que a articulação de mediatos conceitos abstratos.

Se todas as línguas trazem em seu léxico inúmeras associações metafóricas, no árabe este fato é muito mais patente. Para o árabe, a extensão de significado é, por assim dizer, “levada mais a sério” do que no Ocidente... É bastante ilustrativo o caso de um provérbio que no Ocidente é expresso em extremos de abstração, ao passo que o árabe, para o mesmo conteúdo, vale-se da forma radicalmente oposta: concreta, figurativa. O ocidental diz:

Quem o feio ama, bonito lhe parece.

Mais abstrato, impossível: “Quem”, “o feio”, “bonito”... Já a formulação árabe é:

Al-qurd b'ayn ummuhu gazal
(*O macaco, aos olhos de sua mãe - é uma - gazela.*)

II.7 Característica 7: A ligação com o passado

Por fim, temos a última das sete características da língua/forma de pensamento árabe: a ligação psicológica (/gramatical) com o passado, que resulta em um particular uso desse tempo verbal, assim expresso por Aida Hanania¹²:

Outra característica, presente tanto no falar comum como nos provérbios, decorre da peculiar noção árabe de tempo. Como dizia Jamil Almansur Haddad: “O árabe vê o passado como um bloco homogêneo. E vê o futuro como um bloco homogêneo [...]. O Ocidente faz [...] o contrário: faz essa atomização, essa dissecção, essa separação temporal, que inventou toda uma máquina de dividir o tempo (clepsidras, relógios e assim por diante, até chegar aos mecanismos atuais que medem centésimos de segundo). O contrário daquele complexo de infinito de árabes, de orientais, de todo o Oriente”. É como se, nessa visão monolítica do tempo, o presente e o futuro não tivessem autonomia em face do passado, este, sim, determinante e determinador. Essa preponderância do passado repercute na gramática.

A repercussão na gramática é o fato de que o árabe pode valer-se do pretérito até mesmo para expressar o futuro, que aparece, assim, como mera resultante do passado. Como diz o Eclesiastes (1,9): “O que foi é o que será; o que se fez é

¹². “Prefácio” a LAUAND, L. J. *Provérbios Árabes*, S. Paulo, DLO-FFLCH-USP, 1994.

o que se tornará a fazer: nada há de novo sob o sol!”. Se é fenômeno normal, em tantas línguas, o emprego do presente para falar do futuro (“Vou jogar bola amanhã”), ou mesmo para o passado (“Em todo Natal, viajo”); o uso do passado para referir-se ao futuro é aparentemente descabido. E, no entanto, é assim que a gramática árabe procede.

Pois em muitos casos, o futuro não aparece como incerto, mas apropria-se da certeza do passado. E os provérbios bíblicos “Quem semeia ventos, colhe tempestades” e “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, no original soam: “semeou ventos, colheu tempestades” e “deu aos pobres, emprestou a Deus”. Nessa mesma perspectiva, nós dizemos “Escreveu, não leu, o pau comeu”, “Bateu, levou” etc. (Se escrever e não ler, o pau comerá; quem bater, levará)

Tal fato torna-se mais evidente quando nos lembramos de outros tantos exemplos de uso semelhante em nossa língua, especialmente em linguagem publicitária. Neles, o futuro e suas conexões causais aparecem como inexoráveis e imediatas, como na velha propaganda dos classificados do Estadão, hoje imitada por outros veículos: “anunciou, vendeu” (quem anunciar, venderá). Ou em:

Tomou Doril, a dor sumiu.
Estomazil: tomou, passou.
Desapegou, vendeu.

Achou, ganhou (utilizada por inúmeros produtos em promoções de prêmios). E a consagrada: “Sedex – mandou, chegou”.

Os agentes de publicidade usam e abusam dessa forma de passado-futuro pois transmite certeza e rapidez, o que no ramo é decisivo.

Considerações finais

Essas características que apontamos marcam profundas diferenças entre os SLP, que são como que os sistemas operacionais da *Weltanschauung* de uma comunidade falante.

Para concluir, mais um par de exemplos, naturalmente em termos genéricos. Sem nem de longe afirmar determinismos, a partir dos SLP torna-se mais facilmente compreensível que, historicamente, os gregos tenham sido os grandes cultores da Geometria (relacionando-se com o mundo por meio do “olho”); enquanto os árabes, por sua vez, inventaram a Álgebra e dispunham de zero, números negativos e números irracionais. Como homologar no sistema *logos* tais números: como se enquadram na pretensão de isomorfia do SLP grego? E se, para continuarmos com indicações de Lohmann, os gregos se instalam na *theoria*, a educação oriental volta-se para o concreto: não “o feio”, “o bonito”, “a educação” etc., mas o alho e a cebola produzindo o aroma (ou o mau cheiro), que é a conduta.

Enquanto agentes privilegiados de uma educação invisível, os provérbios recolhem o saber popular, condensam a experiência sobre a realidade do homem: sua existência quotidiana, as condições de vida, o sensato e o ridículo, as alegrias e as tristezas, as grandezas e as misérias, a realidade e os sonhos, a objetividade e, por vezes, preconceitos...

Feita esta breve introdução, passamos à seleção de provérbios árabes...

Referências

AUVRAY, Paul, et al. **Las lenguas sagradas**. Andorra: Casal i Vall, 1959.

HANANIA, Aida O papel da imagem na tradição árabe. In: _____ (org.) **O diplomata da língua e da cultura árabes**. São Paulo: Factash, 2015.

HANANIA, Aida **Oriente e Ocidente: Sentenças de Sabedoria dos Antigos**. São Paulo: DLO-FFLCHUSP / EDIX, 1994.

LOHMANN, J. *Ma'na e Logos* - estruturas linguísticas e formas de pensamento. **Notandum**. São Paulo, Cemoroc Feusp / IJI Univ. Porto No. 31, 2013 <http://www.hottopos.com/notand31/47-56Lohmann.pdf> acesso em 05-06-2015.

PARTE III- 250 Provérbios Árabes

III.1 – REALISMO

Ser realista é saber tomar decisões acertadas, levando em conta um único fator: a própria realidade. Esse realismo é lucidez que permite ver com que pessoas e com que recursos se pode contar, é objetividade para prever as consequências de uma ação, é capacidade para escolher os meios adequados tendo em mira a consecução de um determinado fim, sem permitir que o medo, a covardia, a precipitação e os interesses interesseiros influenciem negativamente essas avaliações e decisões. Curiosamente, o árabe combina uma refinada sensibilidade poética com o prosaico realismo, no qual o fato bruto é o que conta. Muitos provérbios nomeiam, expressam e aconselham o voltar-se para a realidade.

1

**Eu já falei que é boi,
mas ele insiste em querer ordenhar...**

2

Ele procura mel no traseiro da vespa¹³.

¹³. Além de não encontrar mel, expõe-se ao ferrão que, como se sabe, está localizado precisamente no traseiro da vespa...

3

**Guardo-me de fazer com as mãos
o nó que deverei desfazer com os dentes.**

4

Come-se grão a grão o que se expõe aos blocos.

5

Fez do lobo o guardião das ovelhas.

6

“Só entre nós, hein, capitão?!”¹⁴

¹⁴. Como ocorre frequentemente nos provérbios, é a vida que fornece casos exemplares que, depois (por vezes, séculos depois...), se aplicam no dia-a-dia... Ante a indiscrição do simplório, diz-se: “Só entre nós, hein, capitão?!”, e o interlocutor já entende a sua “gafe”... Eis a história: uma tropa estava no encalço de três desertores que, tendo implorado misericórdia, foram acolhidos por um homem que os escondeu em sua casa. O capitão, ao ver esse homem à porta de casa, perguntou-lhe: “Acaso você viu passar por aqui uns soldados fugitivos?” O interpelado dirige-se, pé ante pé, ao capitão, toma-o à parte – como que confidenciando um segredo, de que, espera, o outro não faça uso – e diz: “Só entre nós, hein, capitão, eu acabo de esconder alguns soldados”. Evidentemente, o capitão ordenou a imediata execução dos desertores... Esta expressão se aplica, por exemplo, ao rapaz que mostra ao primo “beatlemaníaco” o disco raríssimo que faltava à sua coleção (“Mas só mostro se você prometer que não vai querer levar, hein?”). “Só entre nós, hein, capitão?!”, dirá o primo, despedindo-se depois de se ter apropriado do disco.

7

**O chacal engoliu a foice;
ouçam seus uivos depois para expeli-la¹⁵.**

8

Mede antes de cortar (o tecido).

9

**Louco é o viajante que quer
construir uma casa no caminho.**

10

**Vender e arrepender-se é melhor
do que não vender e se arrepender.**

11

Dá teu pão ao padeiro, mesmo que ele coma a metade¹⁶.

12

Não pressione demais o covarde que ele vira valente.

¹⁵. O chacal, como se sabe, vai comendo tudo, alegremente, indiscriminadamente...

¹⁶. Dê sua massa para que o padeiro – que dispõe do forno e da perícia que fará dela um bom pão – a asse. mesmo que ele se aproprie de parte da massa. O sentido é o de que é sempre melhor, para executar um serviço, recorrer a um profissional do que à improvisação amadora...

13

Eu te conheço, alfarroba...!¹⁷

14

Comer a alfarroba não é tudo...¹⁸

15

A cova do leão sempre tem ossadas...

16

Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois!¹⁹

¹⁷. O fruto da alfarroba é comestível e ligeiramente adocicado, mas produz forte constipação... Dirige-se este dito a alguém com certas qualidades, já conhecidas como meramente aparentes. Mais ou menos equivalente ao nosso: “Quem não te conhece, que te compre!”

¹⁸. Pois haverá consequências intestinais...

¹⁹. Aplica-se a inúmeras situações em que alguém se recusa a começar algo (o *alif* é a primeira letra do alfabeto) por temer o rumo que aquilo terá. Responde-se: “Eu não tenho medo do *alif*, mas do que vem depois” ante certas insistências: “Vamos lá, um copinho só...”, ou “Você não poderia se encarregar, neste ano, de organizar o almoço de reencontro da nossa turma de formatura?”, ou “Por que você não faz doutorado?..., no exame de inglês você passa...”, “Por que você não aceita ser síndico de nosso prédio?” etc. A sentença procede de um caso que se tornou proverbial. Um garoto, recém-enviado à escola (e bem ciente das longas horas de lições de casa a que estavam submetidos seus irmãos mais velhos), recusava-se terminantemente a aprender a ler. Por mais ameaças e castigos que sofresse, continuava resistindo a escrever o *alif*. O professor comunica o fato ao pai que, após infrutíferas surras, dirige-se docemente ao menino: “Meu filho, por que essa teimosia? O *alif* não vai te fazer nenhum mal, por que você tem medo do *alif*?” Ao que o garoto respondeu: “Eu não tenho medo do *alif*, eu tenho medo é do que vem depois...”

17

Não comas alho e não cheirarás a alho.

18

**Por que estranhas que venha na concha
o que tu mesmo colocaste no pote?**

19

Quem fica com a viúva, fica com os filhos.

20

**Quem quer comer o pão do rei,
deve cortá-lo com a espada.**

21

Ceguinho, ceguinho... aumentou o preço do lampião!²⁰

22

Por Abu Bakr, segura essa cobra!²¹

²⁰. Equivalente ao nosso: “E eu com isso?”.

²¹. Diz-se quando o interlocutor pede uma tarefa impossível a quem não tem nada que ver com o caso: Abu Bakr não representa nada para quem não é sunita. E pedir para segurar uma cobra... Próximo ao nosso: “Nós, quem, cara pálida?”.

23

Muro baixo, o povo pula.

24

**Come verdes os teus frutos,
antes que o ladrão os roube maduros.**

25

Se conseguiste escapar do leão, não tentes caçá-lo²².

26

Sim, ela concebeu em segredo, mas vai parir em público...

27

**Quem diz que o leão é um jumentinho,
que vá pôr o cabresto nele.**

28

Quem quer ficar bêbado não fica contando os copos.

29

**O camelo riu uma vez na vida
e rasgou os lábios para sempre.**

²². Diz-se ao imprudente que torna a se expor a perigos dos quais acabou de escapar.

30

Aquele que está saindo de vez, “apronta”²³.

31

Quem comete o mal, comete-o contra si mesmo.

32

**Qualquer coisa que a mulher louca cozinhe,
o marido cego come.**

33

Queres destruir a mesquita para erguer um minarete?

34

**“Teu moinho gira para a direita ou para a esquerda?”
“Sei lá, o que importa é que ele me dá farinha!”**

35

Plantamos o “se”, nasceu o “eu gostaria”...

36

**Disseram ao prisioneiro: “Vamos te casar
com uma moça muito bela e muito rica”.
“Ótimo, respondeu ele, mas soltem-me primeiro”.**

²³. Cuidado com quem vai deixar o país, o emprego etc.

37

Não digas: “*Smallah!*”, antes que o camelo se levante²⁴.

38

**“Caíste sozinho ou foi o camelo que te arremessou?”
“Tanto faz: o fato é que eu caí”.**

39

É como pedir ao camelo para tocar flauta²⁵.

40

(Isto é) Peixe no mar²⁶.

41

**Sim, meu príncipe, era mesmo uma pomba,
só que agora já voou...²⁷**

²⁴. O camelo, ao levantar-se, oferece um espetáculo grandioso quando ergue sua enorme massa de um só golpe. É tão imponente que, instintivamente, vem à boca a interjeição de admiração e espanto, misto de prece e de louvor: “*Smallah!*” - “Meu Deus!”, “Deus te conserve!”, “Que beleza!”. O efeito é tanto mais surpreendente quando, ainda há um minuto, o camelo estava calmo, aparentemente indolente, largado no solo.

²⁵. Como se sabe, os lábios do camelo não fecham e seus dedos não se movem...

²⁶. Diz-se quando alguém quer vender ou usar um bem de que ainda não dispõe.

²⁷. É preciso aproveitar a ocasião. Este provérbio é o desfecho da conhecida história em que, numa caçada, o príncipe em vez de disparar logo sobre o objeto, enredou-se em longas discussões com seus

42

Você quer pegar as uvas ou... matar o guarda?²⁸

43

Todo pedido de autorização será negado...²⁹

44

Não adianta querer apressar o camelo³⁰.

45

Janta-o antes que ele te almoce.

46

Conhece-se o mau trabalhador no meio da tarde.

47

Um povo sem gente grosseira está perdido³¹.

48

Não gaste duas palavras se uma única basta.

acompanhantes sobre se se trataria de uma pomba ou de uma pedra, até que o objeto (era uma pomba mesmo) escapou voando...

²⁸. Quando já se obteve o que se queria, o melhor é ir embora quanto antes, sem expor-se inutilmente, sem querer tirar satisfações ou afirmar seu ego em discussões...

²⁹. Vá em frente, faça primeiro e “peça” autorização depois.

³⁰. O camelo tem seu ritmo próprio, inalterável; a vida (os empreendimentos, os projetos etc.) também. É preciso aceitar a realidade como ela é, encarar os fatos com naturalidade...

³¹. Os outros abusariam de sua bondade...

49

III.2 – AS IDIOSSINCRASIAS

As pessoas são diferentes: cada uma tem seu temperamento, sua formação, seu modo peculiar de encarar a vida. Muitos provérbios apontam para essas desigualdades, para a (relativa) imutabilidade do modo de ser de cada um, para a influência das circunstâncias na educação.

49

A galinha sempre cisca. Mesmo sobre um monte de trigo, ela continua ciscando³².

50

O caipira é caipira, mesmo que tome sopa em colher de chá³³.

51

Alimenta teu cão e ele guardará tua casa; faze jejuar teu gato e ele te comerá os ratos³⁴.

52

Bastou elogiarmos a limpeza do gato, e ele foi e defecou no depósito de farinha.

³². Para referir-se ao fato de que o temperamento de uma pessoa não muda.

³³. No original deste (e de muitos outros provérbios) aparece o *Law*, o *se* condicional árabe, usado para situações impossíveis ou muito improváveis.

³⁴. As pessoas são diferentes e devem ser tratadas de modo diferente.

53

Uma pequena ferida detém o camelo³⁵.

54

Não é por amor a Allah que o gato caça os ratos.

55

O gato (aproveita e) deita-se em cima do doente.

56

**Quando disseram ao gato que o seu excremento era útil
ele começou a enterrá-lo.**

57

**Levaram o asno para a festa de casamento:
ele começou a zurrar e pedir
que o carregassem com os fardos de sempre.**

58

**“Corvo, roubar sabão? Para quê?”
“Roubar é da minha natureza”.**

³⁵. O camelo que não para por nada (enfrenta o sol, as cargas, as longas marchas...) detém-se imediatamente quando sofre um ferimento, por mínimo que seja. Assim também, uma palavra que fere...

59

**“Há quanto tempo?”
“Claro, tu não vais à mesquita, e eu não vou ao cabaré...”**

60

Tu és o que te habituaste a ser.

61

A repetição deixa sua marca até nas pedras.

62

Pela repetição, até o asno aprende.

63

É do mal-educado que se aprende a boa educação.

64

Não amarres asno novo perto de mula velha, porque, se ele não aprender a escoicear, aprenderá a zurrar.

65

Pai dele, alho; mãe, cebola. Como pode ele cheirar bem?

66

A palavra é o aroma do homem.

52

67

Só sacia sua sede quem bebe pela própria mão.

68

Manta emprestada não esquenta.

69

Só a tua unha é capaz de te coçar direito.

70

**O rato caiu do telhado. O gato: “Que Deus te ajude!”
O rato: “Tira a pata de cima e deixa que eu me cuido”.**

71

O sitiado é sempre o vencido.

72

Desde quando o mendigo... impõe condições?

73

**Enquanto fores bigorna, aguenta;
quando fores o martelo, bate!**

53

III.3 – A CONDIÇÃO HUMANA

As limitações, as contingências, as dificuldades, a dor, as contrariedades e desgostos (e, também, os consolos e a ação da divina providência) estão presentes nos provérbios de todas as culturas. Os provérbios árabes, certamente, também fazem esses registros e procuram orientar o homem para que viva sabiamente em sua realidade. Mas, para além de qualquer fatalismo, alguns *amthal* apontam também para o fato de que das dificuldades podemos tirar proveito em termos de vivência e crescimento enquanto seres humanos.

74

O mar brigou com o vento e quem virou... foi a barquinha³⁶.

75

Por causa da rosa, a erva daninha acaba sendo regada³⁷.

76

**Se te perguntarem: “Viste um asno cinza?”,
responde: “Nem cinza, nem preto, nem branco.
Não vi asno nenhum!”³⁸**

³⁶. Emprega-se em situações nas quais quem “paga o pato” é o mais fraco e não tinha nada que ver com a briga dos poderosos, que continuam incólumes...

³⁷. É uma espécie de contraponto do anterior.

³⁸. Corte pela base. Com a resposta categórica, evita-se perda de tempo e também outras complicações, como a de o interlocutor querer verificar, em seu estábulo, se o asno dele (ou, eventualmente, algum parecido...) está lá, etc.

77

Entre Hâna e Mâna, lá se foi minha barba...³⁹

78

**Os barbeiros aprendem a usar a navalha
na cabeça dos órfãos.**

79

**É como a peregrinação a Meca:
quem diz que é fácil, blasfema;
quem diz que é trabalhosa, blasfema.**

80

Quando Deus fecha uma porta, abre outra.

81

Deus, que é eterno, faz com que cada um tenha o seu dia.

82

Deus bate com a esquerda e ampara com a direita.

³⁹. Um muçulmano tinha duas esposas, Hâna e Mâna, uma jovem, outra velha; a ambas demonstrava igual afeto. No entanto, por ciúmes, a velha arrancava-lhe, carinhosamente, os fios pretos da barba, e a jovem os fios brancos, até que por fim o pobre homem ficou sem barba...

83

Tema quem não teme a Deus.

84

Quem teme o inferno não irá para o inferno.

85

**(Tão pobre que...) As formigas saíram
da cozinha dele com fome.**

86

**O pobre achou uma tâmara seca no caminho
e disse-lhe: “Aonde devo ir para te comer em paz?”**

87

**Não aconselhes o tolo:
em qualquer caso ele te culpará depois.**

88

**Com um bom conselho, antigamente ganhava-se um
camelo; hoje, a inimizade...**

89

Quem não tem um velho, deve comprar um!⁴⁰

⁴⁰. Valorizando a sabedoria (nem sempre reconhecida...) do ancião.

90

Quem não provou o amargo não sabe apreciar o doce⁴¹.

91

O óleo só se extrai com a prensa.

92

O incenso só exala seu perfume se queimado.

93

**“Tudo bem, foste criado por Deus...
Mas e eu? Pelo funileiro?”**

94

**A vida é assim: um dia a favor, outro contra...
isto para os mais afortunados.**

95

A chuva é um benefício, mas chateia.

96

A chuva chateia, mas é um benefício.

97

A dor mais amarga é a dor presente.

⁴¹. Este provérbio e os dois seguintes aludem ao lado positivo das provações.

98

**Se cuspo para baixo, cai na barba;
se cuspo para cima, cai no bigode.**

99

Ano ruim tem 24 meses...

100

**O mundo é um moinho d'água: os que têm se esvaziam;
os que não têm recebem em abundância...**

101

Ele começou a multiplicar os quintos pelos sextos...⁴²

102

**Cada um tem o seu dia!
Ó adversidade, tu também terás o teu!**

103

Interminável como o Ramadã!

104

Há, na terra, lugar para todos.

⁴². A situação se tornou de tal forma difícil (e ameaçadora...) que ele se viu obrigado a tratar seriamente do assunto, chegando a detalhes complicados e trabalhosos...

III. 4 – OS OUTROS

Os provérbios contemplam *o outro* em diversas dimensões: as relações de amor/ódio, de amizade/inimizade, de parentesco (com destaque para a sogra), de vizinhança etc. Aconselham também sobre a mulher, as visitas, os sócios, os deveres de hospitalidade, os chatos e inoportunos, sobre as relações com os poderosos e assim por diante.

105

**“De que filho a senhora gosta mais?”
“Do pequeno, até que cresça; do ausente,
até que volte; do doente, até que sare”.**

106

**Se encontras teu amigo montado num pedaço de pau,
felicita-o pelo corcel de raça⁴³.**

107

**Eu não espanto os pássaros da árvore
que me deu frutos amargos.**

108

**“Meu amigo, meus olhos, luz da minha vida!,
mas... longe de minha bolsa!”**

109

“Nora, nora... um dia também serás sogra!”

⁴³. O amigo sempre é valorizado. Rimado no original: 'amwd / 'awd.

110

Não te cases com uma moça cujos parentes morem nas proximidades; não alugues casa cujo dono seja o vizinho.

111

**Em mil noras pode haver uma que ame a sogra;
em duas mil sogras pode haver uma que ame a nora.**

112

A sogra já foi nora, mas... esqueceu!

113

Lar, doce lar..., que escondes todos os meus defeitos!

114

**A cada refeição, uma briga;
a cada bocado, um aborrecimento⁴⁴.**

115

Deus seja tão bom contigo que te dê vizinhos sem olhos.

116

**Antes de examinar a casa (para comprar),
examina os vizinhos.**

⁴⁴. As brigas acontecem em casa...

117

**Rancor (astúcia) de homem é rancor;
rancor (astúcia) de mulher, rancores (astúcias)⁴⁵.**

118

**A cadeia é para os homens; as lágrimas, para as
mulheres.**

119

**“Reconcilio-me com a minha mulher,
se ela romper com a vizinhança”.**

120

É a mulher que faz ou desfaz a casa.

121

**Se é um homem quem te dirige ameaças, podes, de noite,
dormir tranquilo; se é uma mulher,
podes começar a passar as noites em claro...⁴⁶**

⁴⁵. A formulação original joga com o singular e o dual (número característico do árabe, além do singular e do plural): rancor de homem é um rancor; rancor de mulher, dois rancores.

⁴⁶. Ao tratar de provérbios, é sempre oportuna a referência à Bíblia, não só pelos milhares de provérbios que ela mesma contém, mas também porque estão vazados em língua semita, muito próxima do árabe. Feghali chega a dedicar uma seção inteira a provérbios bíblicos que se tornaram provérbios árabes. No caso deste provérbio 121, nota-se o eco dos milenares conselhos dos livros sapienciais da Bíblia. O Eclesiástico, após enunciar, em seu cap. 25, as desgraças superlativas (“Qualquer ferida, menos a ferida do coração; qualquer miséria, menos a miséria causada pelo adversário; qualquer injustiça, menos a injustiça que vem do

122

**Consulta tua mulher e faz o contrário
do que ela te disser.**

123

**Limpa tua casa, pois não sabes quem baterá à tua porta;
lava teu rosto, pois não sabes quem o beijará.**

124

**Visita sem presentes é melhor
do que a que te traz um carneiro⁴⁷.**

125

Não visitar pode ser uma obra de misericórdia.

126

**Não comas o pão servido por alguém
que depois irá te lembrar da oferta.**

inimigo...”), desfecha: “Prefiro morar com um leão ou com um dragão a morar com uma mulher perversa... Pouca maldade é comparável à da mulher”. E, mais adiante, também em sistema comparativo semítico: “É melhor a maldade de um homem do que a bondade de uma mulher” (Eclo 42,14). Já o livro dos Provérbios diz: “Melhor é morar no deserto do que com uma mulher iracunda” (Prov 21,19); “Melhor é morar no canto de um teto do que numa casa com uma mulher briguenta” (Prov 25,24); “Goteira pingando sem parar em dia de chuva e a mulher briguenta são semelhantes” (Prov 27,15). Do mesmo modo, o provérbio seguinte refere-se à também milenar ideia de que a mulher não é boa conselheira.

⁴⁷. O presente impõe obrigações. Há outra formulação rimada, semelhante a: “Um presente? Não me atormente”.

127

Não dá trela ao desocupado: ele fará de ti a sua ocupação.

128

Um rosto sorridente é melhor até do que a hospitalidade.

129

Se visitas um cego, fecha também teus próprios olhos.

130

É no comer que se mostra a afeição (pelo anfitrião).

131

O último pedaço é para o predileto (/virtuoso)⁴⁸.

132

**“Ôpa! Não é por eu ter dito <<Enterra-me>>
que agora vais pegar a pá⁴⁹.**

⁴⁸. No original: *Al-fadlah lil-fadyl*. Esta frase feita vale-se da multiplicidade de sentidos da raiz F-D-L, conhecida até mesmo dos alunos principiantes pela expressão *Min fadlika* (*Por favor!*). F-D-L indica ainda a virtude, o jorrar, o transbordar, de tal modo que o provérbio poderia ser traduzido também como “O que sobra é para o virtuoso”.

⁴⁹. É bem conhecido o espírito de acolhimento oriental e suas desconcertantes – sobretudo para padrões europeus nórdicos – manifestações de carinho (por palavras ou por gestos) em fórmulas que, para o ocidental, parecem exageradas. O Alcorão prescreve, p. ex. (IV, 86), retribuir uma saudação com outra mais intensa ou, pelo menos, não

133

“Ôpa! Tá certo que dissemos <<A casa é tua!>>, mas não vás agora trancar a porta e levar a chave.

134

Quando os beduínos começaram a ter abundância de manteiga, usaram-na para limpar o traseiro.

135

(Prefiro) A opressão do gato à justiça do rato.

136

Se há muitos comandantes, o navio afunda.

inferior (naturalmente, a reação em cadeia deflagrada por um simples bom-dia pode durar uma eternidade). Nesse sentido, Cristo, que tão bem sabe valorizar a hospitalidade e as formas humanas de acolhimento (cfr. Lc 7,44 e ss.) tem que recomendar aos discípulos enviados em missão: “A ninguém saudeis pelo caminho” (Lc 10,4). É um problema de aproveitamento do tempo numa missão urgente! Neste campo das saudações e das manifestações de carinho, o refinado Oriente está a anos-luz de distância do primário Ocidente... Por exemplo, o ocidental, perante uma visita que se despede, diz: “Vê se aparece!” (com o que - consciente ou inconscientemente - parece afirmar: Nós somos pessoas muito importantes, interessantes, bonitas... e autorizamos você – que não é nada disso... –, a vir ver-nos, pois, nós, além do mais, somos também generosos etc.). Já o oriental despede-se da visita dizendo: *Ismah lana nashufak!* – Permita que nós o vejamos (**você** é a pessoa importante, etc. etc...). Evidentemente, o exagero das formas (que, em todo caso, no Oriente, não é mero formalismo) requer o necessário corretivo do bom humor dos provérbios. Assim, uma das fórmulas mais fortes para manifestar o carinho é *Taqbarny*, “Enterra-me!” (com o que se diz: eu quero que você sobreviva a mim, eu não saberia viver sem você etc.), está aqui temperada por esse *mathal*.

137

**Quem ocupa o poder tem metade das pessoas contra si...
isto, se ele for justo.**

138

**Pensávamos que o sultão fosse um sultão,
mas ele é um homem.**

139

**Jiha morreu e pensávamos estar finalmente livres dele. Aí
ele apareceu, dizendo “Oi, pessoal!”⁵⁰**

140

**Na minha noite de núpcias
ele vem pedir-me emprestado o pandeiro.**

141

**Se queres arrumar briga, procure,
no final da tarde, quem estiver jejuando.**

142

Dor de dente... bem no dia do casamento⁵¹.

⁵⁰. Jiha, espécie de Jeca Tatu, é personagem constante de provérbios e histórias populares.

⁵¹. Os problemas, ainda por cima, vêm na hora errada...

143

Ele esteve nos explicando que água é água⁵².

144

“Cospe a pedrinha, Mansur!”⁵³

145

Quem é mais velho: Jiha ou o pai dele?

146

Ó, verdureiro, o que é que você vende?⁵⁴

147

**Se fazer sociedade fosse bom,
cada dois casariam com uma mulher.**

⁵². Este e o próximo provérbio aplicam-se ao chato que se demora em explicar o óbvio.

⁵³. Frase que se tornou proverbial. Mansur era um “boca-suja”, sacristão de um bispo, que tentava inutilmente corrigir-lhe a linguagem, permeada de palavrões. Até que lhe ocorreu a ideia de que Mansur mantivesse uma pedrinha na boca para ajudá-lo a lembrar-se de evitar expressões indecorosas. Num certo dia de intenso calor, o bispo per-corria a estrada - a pé, acompanhado por Mansur -, em visitas pastorais, quando ouviu uma velha que com insistência chamava por ele, do alto de um morro. Quando os dois acabaram de subir a penosa encosta, a velha explicou que o chamara para abençoar sua ninhada de pintinhos... O bispo, passando o lenço na testa, voltou-se para Mansur (também ele furioso...), dizendo: “Tudo bem, Mansur, pode cuspir a pedrinha!”

⁵⁴. Diz-se em resposta a perguntas idiotas ou a truísmos.

148

Fazer sociedade é sempre desastroso (*halkah*), mesmo se feita no caminho da peregrinação a Meca (*Makkah*).

149

Uma mão só não bate palmas.

III.5 – DEFEITOS, VÍCIOS E MANHAS

Como era de esperar, os provérbios fustigam defeitos e atitudes viciosas. Nesta seleção, destaca-se a falta de objetividade para apreender a realidade, causada pela interferência distorcedora de vários fatores de envolvimento subjetivo, como o preconceito ou o oportunismo. Abordam-se também temas como o da mentira, da hipocrisia, da manha, da figura do salafrário, da avareza, da língua, das culpas e das desculpas (esfarrapadas), da vaidade, do egoísmo, da gula, da preguiça etc.

150

**Rasgou as roupas e começou a gritar:
“Náufrago! Náufrago!”**

151

Ele joga a pedra e depois diz: “É o destino”.

152

Defeito que agrada o sultão, vira virtude.

153

O santuário próximo não cura...

154

Com a mentira se consegue o almoço, mas não o jantar.

155

**Os maiores mentirosos são o jovem emigrado e o velho
cujos contemporâneos morreram.**

156

**Quando perguntaram ao faminto: “Quanto é dois mais
dois?”, ele respondeu: “Quatro pães!”**

157

**“Lobo, fica longe das ovelhas porque a poeira
que elas levantam faz mal para teus olhos!”
“Não, pelo contrário! Esse pó é colírio para meus olhos”.**

158

“Deus, envia-nos um hóspede!”, rezam as crianças...⁵⁵

159

Por que o careca haveria de ser gentil com o barbeiro?

⁵⁵. Naturalmente, com um hóspede na casa o tratamento e a comida melhoram...

160

O macaco, aos olhos de sua mãe, é uma gazela.

161

**Quem precisa de algo do cachorro, diz-lhe:
“Bom-dia, excelência!”**

162

**Quando Tannús (Toninho) precisava de nós,
nós o chamávamos simplesmente de Tannús,
mas agora que nós precisamos de Tannús,
temos de dizer: “Às ordens, venerável mestre!”**

163

“Ah, é fiado? Então me vê dez quilos...”

164

Bate no cão, tua noiva compreenderá...

165

**O rato aconselhou o dono da casa a matar o gato...
e a comprar queijo!**

166

**Foram ensinar o lobo a ler: “Diga A”. “A ovelha”.
“Diga B”. “Bezerro”.**

167

**Quebra o fio de sua roca
e saberás o que ela tem embaixo da língua⁵⁶.**

168

“Cebola é um prato nobre”, diz o pobre.

169

Ele entra com a mãe da noiva e sai com a mãe do noivo⁵⁷.

170

**Ele deu os pêsames e chorou,
mas nem sabe quem morreu.**

171

**Se o rico come cobra todos dizem:
“Que paladar mais refinado!”
Se é o pobre: “*Pirou de vez!*”⁵⁸**

⁵⁶. O conselho é para que o homem não se deixe enganar pela aparência suave e gentil dessa moça bela e doce (sobretudo se ela quer casar com ele); seu verdadeiro caráter pode ser outro.

⁵⁷. Diz-se do homem oportunista, sem princípios e sem convicções.

⁵⁸. A irônica constatação da diversidade de juízos perante o mesmo ato praticado por um rico e um pobre é tema constante dos provérbios. Está presente na sabedoria da Bíblia - “O rico pratica uma injustiça e ainda se mostra altivo; o pobre sofre uma injustiça e ainda precisa pedir desculpas” (Eclo 13,3), ou “Rico tropeça, todos o socorrem, rico diz tolices, todos o aplaudem; pobre fala, dizem <<Cala a boca>> e, se tropeça, derrubam-no de vez” (Eclo 13, 22-23) - e nos pára-choques de caminhão: “Rico correndo é atleta; pobre, ladrão!” etc.

172

“Mão na massa, Leila!”⁵⁹

173

Cão do príncipe, (é) príncipe (também)!⁶⁰

174

Não tendo achado nenhum defeito na rosa,
apelidaram-na de “bochecha vermelha”⁶¹.

175

Quando perguntaram à mula “Quem é teu pai?”,
ela respondeu: “O cavalo é meu tio!”⁶²

⁵⁹. O Oriente, o juramento. A cada passo, por qualquer ninharia, jura-se. Jura-se pelas barbas do profeta, pelo amor dos meus filhinhos, pelo sol e pela lua, pela manhã e pela noite, pelo Alcorão e pela Bíblia... O árabe, a emoção, o pranto. O exagero. Os acalorados juramentos não deixam de ser suspeitos, mas como defender-se da chantagem emocional que eles veiculam? A distância crítica, para manter a objetividade, tem uma grande defesa: a do bom humor, avalizado por este antigo provérbio que, no original, contém apenas duas palavras. Trata-se do **proverbial** episódio do beduíno que roubara um saco de farinha. Diante do juiz, foi-lhe exigido um juramento de inocência. Sem pestanejar, ele jurou, pensando consigo mesmo: “Leila, minha mulher, pode estar agora fazendo pastéis com aquela farinha. **Farinha** roubada, Deus é testemunha, eu não tenho”.

⁶⁰. Deve-se estender a consideração que se tem por uma pessoa a seus parentes e amigos, mesmo que, em si mesmos, não nos despertem os mesmos sentimentos.

⁶¹. Como se sabe, os invejosos, por despeito, acabam criando uma pseudo-realidade para dar vazão a seus sentimentos pusilânimes.

⁶². Refere-se alguém de origem humilde que, no entanto, está sempre evocando suas relações (longínquas...) de parentesco com personagens ilustres.

176

Nunca o mercador diz: “Meu azeite está rançoso”.

177

Uma coisa é receber as chibatadas; outra é contá-las...⁶³

178

**Economiza na alimentação do gato
e os ratos comer-te-ão as orelhas.**

179

O avaro teme a pobreza, mas vive nela.

180

Será por inveja ou avareza? Ou por ambas?

181

**“Que frio!”, comentou o avaro
quando o filho viu o sorveteiro...**

182

É o homem que ganha o dinheiro... ou é o contrário?

⁶³. Usado como resposta para aquele que, após ouvir as queixas do interlocutor, diz apenas: “Mas, isso não é nada” ou “Você não deve se preocupar” etc.

183

É o homem que gasta o dinheiro... ou é o contrário?

184

A avareza é a miséria no agora.

185

Ele almoçou na madrasta⁶⁴.

186

“Manhê! Kin'an quer um bolinho!”⁶⁵

187

Tudo dói na madame; só sua garganta continua boa...

188

**“Se eu sou príncipe e tu és príncipe,
quem é que vai atrelar o cavalo?”**

189

**Não te esforces por saber do luar ou do boato:
ambos acabarão por chegar até ti.**

⁶⁴. Diz-se daquele que, sim, almoçou, mas muito mal...

⁶⁵. Kin'an e seu irmãozinho mais velho esperavam impacientemente, ao pé do fogo, a chegada do pai, enquanto a mãe fritava aromáticos bolinhos. Querendo abreviar a espera, mas sem se expor, o mais velho disse: “Manhê! Kin'an quer um bolinho!” A frase tornou-se proverbial.

190

**Não apares a barba diante de dois: um dirá que ainda
está longa; o outro, que ficou curta demais.**

191

Um segredo de dois vira de dois mil.

192

**O homem (*insan*) se constrói e
se destrói pela língua (*lissan*).**

193

Ele aguçou os dentes no *Tiz* de um cão⁶⁶.

194

**(Ele é tão salafrário que) É capaz
de roubar o penico de um presidiário.**

195

***Khara* é *khara* mesmo depois
de ter atravessado o Eufrates (*al-Fara*)⁶⁷.**

⁶⁶. Relaciona-se o maledicente com o traseiro vis do cão (que, em si, já é considerado um animal impuro).

⁶⁷. O sem-vergonha sempre será sem-vergonha (rimado no original).

196

Em cima dele, *khara* [excremento]; embaixo dele, *khara*, e ele ainda diz: “Olha que cheiro de *khara*!”

197

“Podem ficar tranquilos: a raposa me garantiu que não vai mais pegar galinhas”⁶⁸.

198

Aperta-lhe a mão, mas confere os dedos depois.

199

A desculpa foi pior do que a falta⁶⁹.

200

O lobo veio atacar as ovelhas. O cão tinha ido defecar⁷⁰.

⁶⁸. Frase irônica para desmontar no ato as declarações de emenda de um salafário.

⁶⁹. Conta-se que Harum ar-Rachid, passeando um dia com Abu Nuwas, pediu-lhe uma ilustração desse antigo *mathal* que lhe parecia demasiadamente abstrato. Abu Nuwas aproximou-se do califa com um sorrisinho malicioso e deu-lhe um maroto beliscão no braço. O califa, indignado, interpelou-o: “Não me lembro, ó insensato, de ter-te permitido tais liberdades”. Ao que Abu Nuwas imediatamente respondeu: “Perdão, Majestade, não vi que era o senhor; pensei que fosse a rainha”.

⁷⁰. Usado para atalhar as desculpas esfarrapadas do encarregado irresponsável que falhou precisamente na hora em que era mais necessário.

201

Sim, o louco atirou uma pedra no poço, mas nenhum dos mil cordatos que passaram por lá a retirou⁷¹.

202

O ladrão é um só; os suspeitos, muitos.

203

Ladrão não rouba em seu quarteirão.

204

Que Deus me proteja a vinha... do meu vigia.

205

Quem rouba uma agulha, rouba um camelo.

206

**A parede queixou-se ao prego: “Por que me perfuras?”
Ele respondeu: “Pergunte ao martelo!”**

207

**A culpa não é da D. Cida (a costureira),
mas de quem lhe passou as medidas⁷².**

⁷¹. Nem toda a culpa é de um só; os omissos também são responsáveis.

⁷². O nome da costureira no original é *Emm Elyas*, que rima com *qyas*, medida.

208

“Malta não existe”⁷³.

209

Pronto! Chegou o juiz cassado e o ex-padre⁷⁴.

210

Barulho no tacho, só dos ossos...⁷⁵

211

Perguntaram a Jiha: “Quando será a ressurreição dos mortos?” Ele respondeu: “No dia em que eu morrer!”

212

**O camelo não vê a própria corcova,
mas só a de seu irmão.**

⁷³. **“Malta yoq!”** Resposta às desculpas esfarrapadas que se dão para justificar omissões culpáveis: “Desculpe, todas as máquinas de xerox lá da faculdade estavam quebradas...”, ou “Passei na farmácia, mas não tinha aspirina...” Procede do proverbial episódio ocorrido no tempo em que a Turquia, guerreando contra a Inglaterra, encarregou o almirante de ocupar a ilha de Malta. O almirante partiu e voltou, após algum tempo, dizendo que não tinha encontrado nenhuma Malta: “Malta não existe!”.

⁷⁴. Aplica-se quando alguém - sem que ninguém o tenha pedido - anda sempre com longos, elaborados e ressentidos discursos em defesa própria, mostrando conhecimento formal (sabem citar a lei civil e canônica com desenvoltura), mas sem jamais reconhecer seus próprios erros...

⁷⁵. É uma verdade empírica que aquele que tem menos valor é o que mais se empenha em aparecer.

213

O cão late porque late; o dono pensa que é para ele.

214

Se fazes tanta questão de ganhar, então joga sozinho.

215

O camelo que quer ver sua corcova, torce o pescoço.

216

**O corvo quis imitar o passo (elegante)
da perdiz e perdeu o seu.**

217

Se teu inimigo é o mosquito, vê nele um elefante.

218

“O asno é teu!”⁷⁶

⁷⁶. Como se sabe, certos provérbios e expressões estão ligados a histórias ou anedotas, resumindo-as numa breve sentença. Neste provérbio, a história subjacente é a seguinte: um homem morreu e deixou, em testamento, seu asno para o mais preguiçoso dos três filhos. Perante o juiz, o primeiro filho relatou que um dia, no rio, com água até o pescoço, era tanta a sua preguiça que teria morrido de sede, mas não se sentia capaz de curvar o pescoço para beber. O juiz já ia dar-lhe o asno quando o segundo contou que também morria de sede em sua cama e, por preguiça, não era capaz sequer de abrir os lábios para acolher a água que caía de uma goteira situada bem em cima de sua boca. Já ia o juiz adjudicar-lhe o

219

“Sim, a comida não é tua, mas teu estômago é...”

220

A cólera começa em loucura e acaba em arrependimento.

221

A brasa amanhece cinza⁷⁷.

222

**Nós o ensinamos a mendigar e agora
ele corre às portas antes de nós.**

223

Apedreja o cão que deixou seu dono para te seguir.

legado, mas antes quis interrogar o terceiro, que permanecia em silêncio. Este, indagado, respondeu: “Eu... eu... sei lá... dá o asno prá quem cê quisé, isto me cansa tanto...” Ao que o juiz, imediatamente, ajuntou: “Miserável, preguiçoso dos preguiçosos: o asno é teu!”, frase usada até hoje para acusar a preguiça de alguém.

⁷⁷. Acalme-se, a raiva passa. Com o tempo você verá as coisas mais serenamente etc.

III.6 – ENIGMAS E SUPERLATIVOS ORIENTAIS

Alguns provérbios vêm propostos em forma de enigma. Outros expressam saborosas formas intensivas peculiares ao Oriente.

224

O que é mais doce do que o mel? Vinagre grátis.

225

**O que é mais doce do que *haláwah*?
A reconciliação após a inimizade.**

226

**Quem sabe melhor o que você realmente é?
Allah e seu vizinho.**

227

Não há cansaço, senão o do coração.

228

Não há preocupação, senão a do casamento.

229

Não há dor, senão a de dente.

230

Não há distância, senão a do coração.

III.7 – VIRTUDES

Os provérbios louvam as virtudes, especialmente as que traduzem grandeza de alma, generosidade, determinação e franqueza, condenando ao mesmo tempo a estreiteza e a mesquinhez. Alguns dos mais sugestivos louvam também a sagacidade.

231

A mão que dá está sempre acima da que recebe.

232

**Faze o bem e lança-o ao mar: tu o reencontrarás
mesmo que muito tempo depois.**

233

**Antes inimigo do príncipe (*amyr*)
do que do guardinha (*khafyr*).**

234

Não há defeito que a generosidade não possa encobrir.

235

O asno vai a Meca, mas nem por isso torna-se *Haj*⁷⁸.

236

Sábio é quem estende seu manto como
se fosse tapete, e tolo é quem pisa.

237

Os segredos da arte, para quem os conhece,
estão escondidos sob um arbusto;
para quem não os conhece, sob uma montanha.

238

Se é para bater, machuca; se é para dar de comer, sacia.

239

Se é para se apaixonar, que seja por um príncipe (ou lua);
Se é para bater à porta, que seja à porta de um grande;
Se é para roubar, que seja um camelo (ou seda);
Assim, se te censurarem, pelo menos será por algo grande.

240

Melhor negar o favor do que fazer esperar.

⁷⁸. *Haj* é a denominação de distinção do muçulmano que já fez a peregrinação.

241

**Dou uma tâmara ao pobre
para sentir seu verdadeiro sabor.**

242

“Desembainhou, use!”⁷⁹

243

Quem pede leite, não deve esconder o pote.

244

Não dá para esconder a lança na mochila.

245

**Como a agulha, veste os outros,
mas ela mesma continua sem vestimenta⁸⁰.**

⁷⁹. Próximo ao nosso “ajoelhou, tem que rezar”, convite a, como diz o Riobaldo de Guimarães Rosa, “executar o declarado, no real”. Diz-se, entre muitas outras situações, quando alguém começa a contar um episódio e, subitamente, dá-se conta de que é imprudente prosseguir e quer interromper o relato (alegando que já não se lembra..., ou que não é interessante...). Ou quando alguém, enfurecido, pede licença para usar uma palavra mais forte: “O que ele fez, com o perdão da palavra, foi uma... sujeira”. O interlocutor acrescenta: “Desembainhou, use!”

⁸⁰. Diz-se (como elogio ou reprimenda) de pessoas tão ocupadas com os outros que se esquecem de si mesmas; de um médico, por exemplo, que de tanto trabalhar perde a própria saúde.

246

**Meca não está longe para quem está
determinado a fazer a peregrinação.**

247

**Tu o jogas no mar e ele
volta com dois peixes na boca.**

248

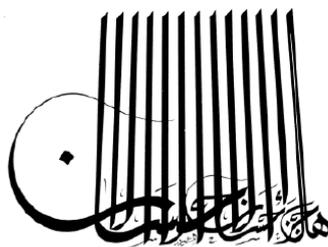
Ele comeu a isca e ainda deu uma defecadinha no anzol.

249

A humildade é a rede com que se apanha a glória.

250

**Não será a bondade a recompensa da própria bondade?
(Alcorão 55,60)**



caligrafia de Hassan Massoudy